

A POLÍCIA MILITAR E A CULTURA

(*) ÂNGELA GUTIERREZ

"Recebi com muita honra o convite para falar aqui, nesta aula inaugural da Academia de Polícia Militar, sobre a Cultura, matéria de minhas preocupações, e sobre a política de atuação da Secretaria que administro.

A honra é sobretudo por estar numa escola de 54 anos que tem uma tradição reconhecida na formação de Oficiais, de homens e de uma forma de vida.

Tanto quanto honrada, minha presença neste universo antes privativo do homem, e depois penetrado pela ousadia de algumas expressões femininas, deixa-me a satisfação de saber que o processo cultural de Minas — ou as políticas relacionadas a ele — está dentro das preocupações desta instituição.

Sinto-me, além de tudo, dentro de uma casa em permanente manifestação cívico-cultural.

Não é novidade que a Polícia Militar de Minas Gerais se pautou sempre por uma preocupação com a sensibilidade, seja na formação de artistas — como músicos — seja na criação de condições para o exercício do pensamento.

Além de um anfiteatro e biblioteca em seus batalhões, é a única Polícia do país que tem um Museu e uma Orquestra Sinfônica que por sua vez, foi a primeira de Minas. A Memória cultural não se esquece dos acordes da ópera "Os Sertões", de Fernando Jouteux, com que foram executadas em Minas Gerais graças à sua existência. Dispensável acrescentar mais informações às suas vocações educacionais e culturais já comprovadas, como seus núcleos de escoteiros, as primeiras praças poliesportivas, e os quatro jornais que mantêm.

A Academia de Polícia Militar, centro de pensamento para onde convergem e de onde já saíram grandes oficiais do Brasil inteiro, é um caso singularíssimo da prova cabal de que aqui as muitas vezes frias aulas de estratégia militar convivem serenamente com o mundo vasto, complexo e universal cultura.

Mas a razão básica que me traz aqui é a relação existente entre Polícia e Cultura — que é a manifestação de vida, conjunto das ânsias e necessidades do homem relacionado a seu meio, agente e reflexo de todas as transformações.

Até o ponto que sabemos, essa cultura tem tanto a ver com a Polícia Militar, quanto com todas as manifestações do homem, quanto com todas as profissões e parcelas da sociedade.

No caso específico da Polícia Militar, o trabalho de manutenção da ordem e a preservação da integridade física do cidadão, dentro dos limites do respeito e da liberdade humana, têm tudo a ver com outra discussão eminentemente cultural: a questão da identidade de um povo.

(*) *Ângela Gutierrez é pesquisadora e especialista em Arte Barroca, Membro do Conselho da Fundação Nacional Pró-Memória e Conselho Curador da Fundação Cultural da Arquidiocese de Mariana, empresária e atualmente exerce o cargo de Secretária de Estado da Cultura do Estado de Minas Gerais.*

Estamos convencidos, na administração da Secretaria da Cultura, de que não transformaremos este País sem entender a identidade de nosso povo e resgatar os seus valores mais genuínos, que foram alijados por ideologias estranhas à nossa realidade.

O Brasil é um gigante imenso e desfigurado, submetido, ao longo de seus quinhentos anos, a correntes culturais que entram em confronto com uma realidade que não é a sua, gerando um rosto nacional de múltiplas ambigüidades e contradições:

Somos, em parte, o produto de uma massa amorfa de influências. Formal ou informalmente, as influências vindas de todos os Continentes percorreram as veias dos nossos rios, transpuseram as montanhas ou se afixaram no litoral, atribuindo-lhe diferentes modos de vida e comportamento. Mesmo quando quisemos compreendê-las, foi também em nome de outras culturas que o fizemos.

Existe em cada época uma determinante capaz de criar as condições ideais que provocam o surgimento de distorções sem que, conscientemente, o homem as tenha procurado. Hoje, mergulha-se a sociedade, de forma implacável e inevitável, no domínio da eletrônica, que a um só tempo é o vilão e a fada deste final de século. A velocidade do processo de comunicação de massa está construindo um país uniforme, de norte a sul, sem respeitar diferenças e carências regionais. O brasileiro das palafitas do Iapoque ou o homem do Chuí recebem em casa, todos os dias, o modo de vida do grande centro que está ligado ao mundo industrializado.

Minas Gerais não é diferente. Este Estado, maior que muitos países da Europa, multifacetado por diversas e complexas regiões, com mais de 700 municípios, é também um gigante desfigurado com diferenças regionais acentuadas e pouco respeitadas pela massificação.

Repensar Minas e repensar o homem de Minas, diante de todo o quadro cultural, é tarefa árdua, longa e desafiadora. Mas não processaremos nenhuma transformação sem se fazer isso.

É por aí, é por esse objetivo que caminha a política de administração da Secretaria de Cultura. E é também por aí, acredito, que se assenta a tarefa da Polícia Militar. Qualquer um de nós que pretenda defender a ordem ou a liberdade terá que entender as razões pelas quais o homem precisa de ambas.

Da parte da Secretaria, o que entendemos como necessário para ajudar nesse questionamento é dar todas as condições para que as manifestações culturais se processem em plenitude. Estamos certos de que nessas manifestações está a matéria-prima genuína com que o homem se repensa, se entende e se transforma. Na área em que atuamos, há nas propostas e nos esforços, o desejo de se buscar uma autêntica democratização da Cultura pela garantia do acesso de todos aos bens proporcionados não só nas artes e no saber, senão também na própria postura diante das coisas fundamentais da nossa existência.

Da parte da Polícia Militar, há a construção da liberdade, indispensável para que as manifestações culturais exerçam o seu papel de questionamento. A função da libertação e transcendência do homem só se consoma se for livre de interferências, quer de governo, quer de poder econômico, quer de ideologias e utopias estranhas à sua originalidade.

Por esse caminho andou Tiradentes, primeiro intérprete das ânsias e necessidades do nosso povo. No seu rastro, a Polícia Militar assentou a defesa da integridade do homem que, depois de quase 2 séculos, produziu a Academia de Polícia Militar.

Vejo esta escola como um centro de formação de homens para os homens, de seres humanos a caminho dos seres humanos. Qualquer oficial ou policial que vai para as ruas — depositário de nossa confiança na manutenção da ordem e da defesa da liberdade — é um defensor intransigente do direito que todos temos de pensar e repensar o mundo, livre de pressões de qualquer espécie.

Não é à toa que passaram por aqui homens do porte de Juscelino Kubitchesck ou de João Guimarães Rosa; que em áreas aparentemente tão diversas como a política ou a literatura ajudaram os outros homens a entender seu país e a transformá-lo. Na mesma linha tantos oficiais, tantos homens públicos e artistas aprenderam aqui um pouco do lá fora é indispensável à transformação: a construção da liberdade.

Estou certa de que a contribuição dos senhores é indispensável nesse trabalho de compreensão da identidade do nosso povo. E isso tanto quanto na defesa até mesmo territorial das regiões — seu patrimônio cultural, sua ecologia, seus bens naturais — como na defesa da integridade física e intelectual do homem de Minas.

Neste sentido, é também esforço indispensável à política de atuação da Secretaria que elegeu o homem e suas complexidades como prioridade de administração.

Agradeço-lhes mais uma vez a oportunidade de ter dado a minha contribuição na compreensão das razões pelas quais o nosso povo precisa da ordem e da liberdade para exercer plenamente os seus direitos de cidadão envolvido com o seu meio e a sua cultura.